



O SONHO DO REI

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Há mais de dois milhares de anos que aconteceu esta história ou outra parecida com a que eu vou contar. Milhares de anos depois, vai-se lá saber.

O rei Nabucodonosor, imperador dos caldeus, senhor da Babilónia, conquistador do Líbano, dominador da Fenícia, protector da Judeia, cobria com o seu manto a mando meio mundo. Ou quase...

Os muitos escravos, que trouxera das suas expedições guerreiras, eram a sua ostentação, quando o cortejo real percorria as ruas e alamedas da Babilónia, ladeadas de lanças, ramos de palmeiras e aclamações. Escolhera-os um por um, de entre os mais jovens, nobres e bem parecidos. Vestidos com túnicas debruadas a ouro, pareciam príncipes. Mas eram escravos.

Um deles, proveniente da Judeia, chamava-se Daniel. Os companheiros devotavam-lhe uma grande amizade e respeitavam-no como o melhor de todos, porque ele era o mais inteligente e o mais generoso.

Aconteceu que numa manhã tempestuosa, o rei acordou em cólera. Tinha tido um sonho esquisito e apavorante, que se desvanecera, à luz do dia. Do que tratava? Onde viera? Como findara? O rei tentava a todo o custo recordar-se, mas sem êxito.

Estava convencido que o sonho lhe trazia um aviso urgente. Mas qual? Por mais esforços que fizesse, o rei não conseguia lembrar-se.

Mandou chamar os sábios do reino e exigiu-lhes:

– Digam-me que sonho sonhei, na noite passada, e o que significa.

Por mais sábio que se seja ninguém pode adivinhar os sonhos alheios. Foi isto, tal e qual, o que disseram os sábios.

Enfureceu-se o rei:

– Mando cortar-vos a cabeça, se até amanhã, ao raiar do sol, não descobrirem a charada do meu sonho.

Os sábios saíram dos aposentos do rei, de cabeça baixa, como se já a oferecessem ao machado do carrasco.

Durante o dia, não se falou de outra coisa no palácio.

Daniel, condoído com os velhos sábios, pediu ao Deus da sua crença que lhe iluminasse o sono com um sonho igual ao do rei.

Na madrugada seguinte, Daniel, mal acordou, pediu para ser recebido por Nabucodonosor. Trazia-lhe o sonho para contar.

– Vós vistes no vosso sonho uma estátua colossal – começou Daniel.

– Sim, agora me recordo que era uma estátua de um tamanho nunca visto – reconheceu o rei, cheio de atenção.

Daniel prosseguiu:

– O colosso tinha a cabeça moldada em ouro maciço, os braços e o peito eram de prata, o ventre e as coxas de bronze, as pernas de ferro e os pés...

– ... de barro! – exclamou o rei, dando uma pancada na testa. – Agora me lembro que atiraram uma pedra à estátua. A pedra caiu nos pés de barro, que se partiram em cacos. A estátua vacilou e desmoronou-se no chão. E depois?

Daniel concluiu o sonho:

– Depois o ouro, a prata, o ferro e o bronze despedaçaram-se e desfizeram-se em pó, que o vento varreu. Nada valeu à gigantesca estátua, porque tinha pés de barro...

– O que é que me quis anunciar o sonho? – indagou, com voz trémula, Nabucodonosor.

– Grande e nobre rei, senhor de um império colossal, o sonho anunciou-te o que tu já pressentiste. Todo o poder tem pés de barro. Toda a grandeza é perecível. Toda a majestade há-de transformar-se em pó.

Nabucodonosor despediu com um gesto o escravo Daniel e escondeu a cabeça debaixo do manto, apavorado. Pela primeira vez na vida teve medo de ser rei.

Não conta a história se a lição lhe serviu para o resto do seu reinado, mas é de crer que sim.

FIM